

SARAH J. MAAS

# Herdeira do fogo

*Tradução*  
Mariana Kohnert

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2015

## ❧ 1 ❧

Pelos deuses, como fervia naquela desculpa esfarrapada de reino.

Ou talvez assim parecesse a Celaena Sardothien porque estava recostada desde o meio da manhã na beirada do telhado de terracota, um braço sobre os olhos, assando devagar ao sol, como os pedaços de pão chato que os cidadãos mais pobres da cidade deixavam no parapeito das janelas, pois não tinham condições de comprar fornos de tijolos.

E, pelos deuses, ela estava enjoada do pão chato — *teggya*, era como chamavam. Enjoada do gosto crocante e acebolado que nem mesmo golasdas de água conseguiam lavar. Se nunca mais comesse um pedaço de *teggya*, ficaria agradecida.

Em grande parte porque era tudo pelo que pudera pagar quando chegou a Wendlyn, duas semanas antes, e seguiu para a capital, Varese, exatamente como lhe fora ordenado pela grande majestade imperial e mestre da terra, o rei de Adarlan.

Celaena recorrera a roubar *teggya* e vinho das barracas de rua quando o dinheiro acabou. Não muito tempo depois de dar uma olhada no castelo de calcário pesadamente protegido, nos guardas de elite, nas bandeiras cor de cobalto oscilando tão orgulhosamente ao vento seco e quente, então decidiu *não* matar os alvos designados.

Assim, era *teggya* roubado... e vinho. O azedo vinho tinto das vinícolas que ladeavam a cadeia de colinas ao redor da capital protegida por uma mu-

ralha; um gosto que Celaena inicialmente odiou, mas do qual agora gostava muito, muito mesmo. Principalmente desde o dia em que decidira que não se importava com nada em particular.

A jovem estendeu a mão para as telhas de terracota inclinadas atrás de si, Tateando em busca da jarra de barro com vinho que arrastara para o telhado naquela manhã. Tateando, buscando, então...

Celaena xingou. Onde estava a porcaria do vinho?

O mundo girou e ficou ofuscantemente claro quando a assassina se apoiou sobre os cotovelos. Pássaros voavam em círculos acima, mantendo-se bem distantes do falcão de cauda branca, empoleirado a manhã inteira no alto de uma chaminé próxima, esperando para pegar a próxima refeição. Abaixo, a rua do mercado era um tear brilhante de cores e sons, cheia de asnos relinchando, mercadores agitando seus artigos, roupas, tanto estrangeiras quanto familiares, e o estalar de rodas contra paralelepípedos pálidos. Mas onde estava a porcaria do...

Ah. Ali. Enfiado sob uma das pesadas telhas vermelhas para ficar fresco. Exatamente onde Celaena o escondera horas antes, quando subira no telhado do enorme mercado coberto a fim de avaliar o perímetro da muralha do castelo, a dois quarteirões de distância. Ou o que quer que ela achasse que parecia oficial e útil antes de perceber que preferia se espreguiçar nas sombras. Sombras que tinham sido queimadas pelo sol implacável de Wendlyn havia muito tempo.

A assassina bebeu da jarra de vinho — ou tentou. Estava vazia, o que imaginou ser uma bênção, porque, *pelos deuses*, como a cabeça girava. Precisava de água e de mais teggya. E talvez algo para o lábio cortado, que doía gloriosamente, e para a bochecha arranhada, que conseguira na noite anterior em uma das tabernas da cidade.

Resmungando, Celaena se deitou de bruços e verificou a rua, 12 metros abaixo. Àquela altura, já conhecia os guardas que a patrulhavam — tinha marcado os rostos e as armas deles, exatamente como fizera com os guardas no alto da enorme muralha do castelo. A jovem decorara seus turnos e o modo como abriam os três gigantescos portões que levavam à construção. Parecia que os Ashryver e os ancestrais destes levavam a segurança muito, muito a sério.

Fazia dez dias desde que Celaena chegara a Varese, depois de sair em disparada da costa. Não porque estivesse particularmente ansiosa para

matar os alvos, mas porque a cidade era tão imensa que parecia a melhor chance de fugir dos oficiais da imigração, dos quais escapara em vez de se registrar no tão benevolente programa de trabalho. Correr para a capital também fornecera uma atividade bem-vinda após semanas no mar, onde Celaena não sentira vontade de fazer nada a não ser ficar deitada na cama estreita da cabine entulhada, ou afiar as armas com um zelo quase religioso.

*Você não passa de uma covarde*, dissera Nehemia a ela.

Cada parte das pedras de amolar ecoava aquilo. *Covarde, covarde, covarde*. A palavra perseguia a assassina em cada língua oceânica.

Ela fizera uma promessa — a promessa de libertar Eyllwe. Então, entre momentos de desespero e ódio e luto, entre pensar em Chaol e nas chaves de Wyrd e em tudo o que deixara para trás e perdera, Celaena decidira-se por um plano a ser seguido depois que chegasse ao litoral. Um plano, por mais insano e improvável, para libertar o reino escravo: encontrar e destruir as chaves de Wyrd, que o rei de Adarlan usara para construir o terrível império. Ela se destruiria com prazer para completar a tarefa.

Apenas ela, apenas ele. Exatamente como deveria ser; nenhuma outra vida perdida além das deles, nenhuma alma maculada além da dela. Seria preciso um monstro para destruir um monstro.

Se tinha que estar ali graças às boas intenções equivocadas de Chaol, então ao menos obteria as respostas de que precisava. Havia uma pessoa em Erilea presente quando as chaves de Wyrd foram empunhadas por uma raça de demônios conquistadores, que as forjara em três ferramentas de poder tão grande que foram escondidas por milhares de anos e quase apagadas da memória. A rainha Maeve dos feéricos. Maeve sabia de tudo — como se esperaria de alguém mais velho que a terra.

Portanto, o primeiro passo do plano idiota e tolo tinha sido simples: procurar Maeve, obter respostas sobre como destruir as chaves de Wyrd e depois voltar para Adarlan.

Era o mínimo que podia fazer. Por Nehemia — por... muitas outras pessoas. Nada mais restava dentro dela, não de verdade. Apenas cinzas e um abismo, e a promessa inquebrável que entalhara na carne para a amiga que a vira pelo que realmente era.

Quando aportou na enorme cidade portuária de Wendlyn, a jovem não pôde deixar de admirar o cuidado que o navio tomou ao chegar ao litoral — esperando até uma noite sem lua, em seguida enfiando-a na cozinha,

com as demais refugiadas de Adarlan, enquanto navegava os canais secretos pelo recife de corais. Era compreensível: o recife era a principal defesa que mantinha as legiões de Adarlan longe daqueles mares. Era também parte da missão de Celaena como campeã do rei.

Essa era outra tarefa que pairava no fundo da mente da assassina: encontrar um modo de evitar que o rei executasse Chaol ou a família de Nehemia. Ele havia prometido fazê-lo caso ela falhasse em sua missão de tomar os planos de defesa naval de Wendlyn, além de matar o rei e o príncipe do reino no baile anual do solstício de verão. Mas Celaena afastara esses pensamentos conforme o navio aportou e as refugiadas foram levadas em multidões para o porto, a fim de serem processadas pelos oficiais.

Muitas daquelas mulheres estavam marcadas por dentro e por fora, os olhos brilhavam com ecos de quaisquer que fossem os horrores recaídos sobre elas em Adarlan. Então, mesmo depois de desaparecer do navio durante o caos do aportamento, Celaena se deteve em um telhado próximo enquanto as passageiras eram escoltadas ao interior de um prédio — para que encontrassem lares e emprego. No entanto, os oficiais de Wendlyn poderiam, mais tarde, levá-las a uma parte deserta da cidade e fazer o que quisessem. Vendê-las. Feri-las. Eram refugiadas: indesejadas e sem quaisquer direitos. Sem qualquer voz.

Mas a jovem não se deteve apenas por paranoia. Não; Nehemia teria ficado para se certificar de que as mulheres estavam a salvo. Ao perceber isso, Celaena pegou a estrada para a capital assim que teve certeza de que as refugiadas estavam bem. Aprender a se infiltrar no castelo era apenas algo para ocupar o tempo enquanto decidia como executar os primeiros passos do plano. Enquanto tentava parar de pensar em Nehemia.

Fora tudo bem. Bem e fácil. Escondendo-se no bosque e nos celeiros ao longo do caminho, Celaena passou como uma sombra pelo campo.

Wendlyn. Uma terra de mitos e monstros — de lendas e de pesadelos concretizados.

O reino em si era uma extensão de areia morna e rochosa, e uma floresta densa, crescendo cada vez mais verde conforme colinas se estendiam para o interior e se erguiam em picos pontiagudos. A costa e a terra ao redor da capital eram secas, como se o sol tivesse assado tudo, exceto a vegetação mais resistente. Muito diferente do império úmido e congelado que deixara para trás.

Uma terra de abundância, de oportunidade, na qual os homens simplesmente não tomavam tudo o que queriam, onde portas não eram trancadas e as pessoas sorriam para você na rua. Mas Celaena não se importava muito se alguém sorria ou não para ela; não, conforme os dias corriam, achou subitamente muito difícil se importar com qualquer coisa. Qualquer que fosse a determinação, qualquer que fosse o ódio, qualquer *coisa* que tivesse sentido ao deixar Adarlan tinha sumido, fora devorado pelo nada que agora a corroía.

Quatro dias se passaram até que ela visse a enorme capital construída entre os sopés das montanhas. Varese, a cidade na qual a mãe da assassina nascera; o coração vibrante do reino.

Embora Varese fosse mais limpa que Forte da Fenda, e tivesse muita riqueza distribuída entre as classes mais altas e mais baixas, era, ainda assim, uma capital, com cortiços e becos, prostitutas e jogadores — e não levava muito tempo para que Celaena encontrasse o submundo da cidade.

Na rua abaixo, três dos guardas do mercado pararam para conversar, e a jovem apoiou o queixo nas mãos. Como qualquer guarda daquele reino, cada um vestia armadura leve e carregava um bom número de armas. Diziam os boatos que os soldados de Wendlyn tinham sido treinados pelos feéricos para serem destemidos, precisos e ágeis. E, por uma dezena de motivos diferentes, ela não queria descobrir se aquilo era verdade. Certamente pareciam bem mais observadores que as sentinelas comuns de Forte da Fenda; mesmo que não tivessem reparado ainda na assassina entre eles. Mas ultimamente Celaena sabia que a única ameaça que representava era contra si mesma.

Mesmo assando ao sol todo dia, mesmo limpando-se sempre que podia em uma das muitas fontes das praças da cidade, ainda sentia o sangue de Archer Finn ensopando a pele, entranhado no cabelo. Mesmo com o constante barulho e o ritmo de Varese, ainda conseguia ouvir o gemido do homem quando ela o estripou no túnel sob o castelo. E, mesmo com o vinho e o calor, ainda conseguia ver Chaol, o horror lhe contraíndo o rosto ao descobrir sobre a herança feérica de Celaena e o poder monstruoso que poderia facilmente a destruir, sobre como ela era vazia e sombria por dentro.

A assassina frequentemente se perguntava se Chaol havia desvendado a charada que ela contara no porto de Forte da Fenda. E se descobrira a verdade... Celaena jamais se deixava ir tão longe. Não era hora de pensar no

capitão, ou na verdade, ou em qualquer das coisas que tinham lhe deixado a alma tão partida e cansada.

Celaena tocou cuidadosamente o lábio cortado e franziu a testa para os guardas do mercado, o movimento fez com que a boca doesse ainda mais. Ela merecera aquela pancada específica durante a briga que provocara na taberna na noite anterior — chutara um homem no saco em direção à garganta, então, quando ele recuperou o fôlego, estava enfurecido, no mínimo. Ao abaixar a mão, Celaena observou os guardas por alguns momentos. Não subornavam os mercadores, não implicavam ou os ameaçavam com multas, como os guardas e oficiais de Forte da Fenda. Cada oficial e soldado que vira até então fora igualmente... bom.

Assim como Galan Ashryver, o príncipe herdeiro de Wendlyn, era bom.

Reunindo algo semelhante a irritação, a assassina colocou a língua para fora. Para os guardas, para o mercado, para o falcão na chaminé próxima, para o castelo e para o príncipe vivendo ali dentro. Ela queria não ter ficado sem vinho tão cedo.

Fazia uma semana desde que descobrira como se infiltrar no castelo, três dias depois de chegar a Varese. Uma semana desde aquele dia terrível em que seus planos se deterioraram ao seu redor.

Uma brisa refrescante soprou, trazendo consigo os temperos das barracas que cobriam a rua próxima — noz-moscada, tomilho, cominho, verbenas. Celaena inspirou profundamente, deixando que os aromas limpassem a cabeça aturdida pelo sol e pelo vinho. O badalar de sinos flutuava de uma das cidades montanhosas vizinhas e, em alguma praça da cidade, uma banda de trovadores tocava uma alegre canção do meio-dia. Nehemia teria adorado aquele lugar.

E, com a mesma rapidez, o mundo deslizou, foi engolido pelo abismo que agora vivia dentro de Celaena. Nehemia jamais veria Wendlyn. Jamais perambularia pelo mercado de temperos ou ouviria os sinos da montanha. Um peso morto pressionou o peito da assassina.

Parecera um plano tão perfeito quando chegou a Varese. Durante as horas que passou entendendo as defesas do castelo real, debateu como encontraria Maeve para aprender sobre as chaves. Tudo seguia suave e impecavelmente, até...

Até aquele dia amaldiçoado quando Celaena reparou que os guardas deixavam um vazio nas defesas da muralha ao sul toda tarde às 14 horas, e

entendeu como o mecanismo do portão operava. Até que Galan Ashryver passou cavalgando por aqueles portões, completamente visível de onde ela estava agachada no telhado da casa de um nobre.

Não fora a visão de Galan, com a pele morena e os cabelos castanhos, que a paralisou. Não fora o fato de que, mesmo de longe, conseguia ver-lhe os olhos turquesa — os olhos *dela*, o motivo pelo qual Celaena costumava usar um capuz nas ruas.

Não. Fora o modo como as pessoas deram vivas.

*Davam vivas* para ele, o príncipe delas. Adoravam-no, com o sorriso deslumbrante e a armadura leve reluzindo ao sol infinito, conforme Galan e os soldados que o seguiam cavalgavam na direção da costa norte para continuar furando o bloqueio comercial. *Furar o bloqueio*. O príncipe — alvo da assassina — furava a porcaria do bloqueio de Adarlan, e o povo o *amava* por isso.

Celaena acompanhou o príncipe e seus homens pela cidade, saltando de telhado em telhado, e seria preciso apenas uma flecha através daqueles olhos turquesa para que Galan estivesse morto. Mas o seguiu até a muralha da cidade, os vivas aumentando, as pessoas atirando flores, todas sorrindo com orgulho do príncipe tão perfeito.

A assassina chegou aos portões da cidade no momento em que se abriram para permitir a passagem do príncipe. E, quando Galan Ashryver cavalgou para o pôr do sol, para a guerra e a glória e para lutar pelo bem e pela liberdade, ela permaneceu naquele telhado até que o homem virasse um pontinho ao longe.

Então Celaena foi até a taberna mais próxima e se meteu na briga mais sangrenta e violenta que já havia provocado, até que a guarda da cidade foi chamada, fazendo-a sumir momentos antes de todos serem jogados na cadeia. Assim, Celaena decidiu, com o nariz sangrando na frente da camisa enquanto cuspiu sangue nos paralelepípedos, que não faria *nada*.

Não havia sentido nos planos. Nehemia e Galan teriam levado o mundo para a liberdade, e sua amiga deveria estar respirando. Juntos, o príncipe e a princesa poderiam ter derrotado o rei de Adarlan. Mas ela estava morta, e a promessa de Celaena — a estúpida e miserável promessa — valia tanto quanto lama quando havia herdeiros amados como Galan para fazer muito mais. A assassina fora uma tola por fazer aquela promessa.

Até mesmo Galan; Galan mal fazia cócegas em Adarlan e tinha toda uma armada à disposição. Celaena era só uma pessoa, um desperdício total



de vida. Se Nehemia não fora capaz de impedir o rei... então aquele plano de encontrar uma forma de entrar em contato com Maeve... aquele plano era completamente inútil.

Ainda bem que ainda não vira um feérico — sequer um — ou as fadas, ou mesmo um pingo de mágica. Fizera o melhor para evitar isso. Até mesmo antes de ver Galan, mantivera distância das barracas do mercado que ofereciam tudo, desde curas até amuletos e poções, pois eram áreas que também costumavam estar cheias de artistas de rua e mercenários trocando seus talentos para ganhar a vida. Celaena descobrira quais tabernas aqueles que mexiam com magia gostavam de frequentar, e jamais chegava perto. Porque às vezes sentia uma *coisa* pinicar e se contorcer e despertar dentro dela, se captasse um fiapo da energia.

Fazia uma semana desde que desistira do plano e abandonara qualquer tentativa de se importar. E suspeitava que pudessem levar muitas semanas mais até estar completamente cheia de teggya, ou de brigar toda noite apenas para sentir alguma coisa, ou de entornar vinho azedo enquanto ficava o dia todo deitada em telhados.

Mas Celaena estava com a garganta seca e o estômago roncava, então se afastou devagar da borda do telhado. Devagar, não por causa daqueles guardas atentos, mas porque a cabeça girava bastante. Não confiava em si mesma para se importar o suficiente de modo a impedir uma queda.

A jovem olhou com raiva para a fina cicatriz que se estendia sobre a palma da mão conforme desceu o cano de escoamento até o beco no limite da rua do mercado. Não era nada além de um lembrete da promessa patética que tinha feito sobre o túmulo semicongelado de Nehemia há mais de um mês, e de tudo e de todos com quem havia falhado. Exatamente como o anel de ametista, o qual perdia em apostas toda noite e recuperava antes do nascer do sol.

Apesar de tudo o que acontecera, e do papel de Chaol na morte de Nehemia, até mesmo depois de Celaena ter destruído o que havia entre os dois, não fora capaz de abrir mão do anel. Já o perdera três vezes em carteados, apenas para recuperá-lo — por qualquer meio necessário. Uma adaga pronta para escorregar entre as costelas costumava ser muito mais convincente que palavras verdadeiras.

A assassina achou um milagre ter conseguido descer até o beco, no qual as sombras momentaneamente a cegavam. Ela apoiou uma das mãos na

fria parede de pedra, permitindo que os olhos se ajustassem, desejando que a cabeça parasse de girar. Uma confusão — Celaena era uma verdadeira confusão. Imaginou quando se incomodaria em deixar de ser assim.

O odor pungente e fedorento de uma mulher atingiu a assassina antes que ela a visse. Em seguida, olhos amarelados e arregalados estavam contra o rosto dela, e um par de lábios rachados e murchos se abriram para sussurrar:

— Indolente! Não me deixe surpreendê-la diante de minha porta de novo!

Celaena recuou, piscando para a mendiga — e para a porta, a qual... Não passava de uma reentrância na parede, entulhada de lixo e o que só podiam ser sacolas com os pertences da mulher. A mendiga era corcunda, tinha os cabelos sujos e os dentes eram tocos em ruínas. A jovem piscou de novo, o rosto da mulher entrando em foco. Furioso, meio insano e imundo.

A assassina estendeu as mãos, recuando um passo, depois mais um.

— Desculpe.

A mendiga cuspiu um punhado de catarro nos paralelepípedos, a centímetros das botas empoeiradas de Celaena. Incapaz de reunir energia para se sentir enojada ou furiosa, a assassina teria ido embora caso não tivesse visto o próprio reflexo ao erguer o olhar inexpressivo do muco.

Roupas sujas — manchadas e empoeiradas e rasgadas. Sem falar que tinha um cheiro *deplorável*, e aquela mendiga a havia tomado por... por uma colega mendiga, competindo por espaço nas ruas.

Bem. Não era *maravilhoso*? O fundo do poço, até mesmo para ela. Talvez fosse ser engraçado algum dia, caso se incomodasse em se lembrar daquilo. Não conseguia se recordar da última vez que rira.

Pelo menos Celaena sentia conforto ao saber que não podia piorar.

Mas então uma grossa voz masculina deu uma risada nas sombras atrás dela.

## ❧ 2 ❧

O homem — macho — no fim do beco era feérico.

Depois de dez anos, depois de todas as execuções e as fogueiras, um macho feérico caminhava até ela. Feérico puro e concreto. Não havia como escapar conforme o homem surgia das sombras a metros de distância. A mendiga na alcova e os demais pelo beco ficaram tão silenciosos que Celaena conseguiu ouvir de novo aqueles sinos dobrando nas montanhas distantes.

Alto, de ombros largos, com cada centímetro do corpo obviamente marcado por músculos, era um feérico com poder nas veias. Ele parou sob um feixe empoeirado de luz do sol, os cabelos prateados brilhando.

Como se as orelhas delicadamente pontiagudas e os dentes caninos levemente longos não fossem o bastante para quase matar todos de susto naquele beco, inclusive a louca agora choramingando atrás da assassina, o feérico tinha uma tatuagem de aparência maliciosa impressa do lado esquerdo do rosto de feições acentuadas, as espirais de tinta negra severas contra a pele bronzeada.

As marcas poderiam muito bem ter sido decorativas, mas Celaena ainda se lembrava o bastante da língua feérica para reconhecê-las como palavras, até mesmo em uma representação tão artística. Começando na têmpora, a tatuagem descia pelo maxilar até o pescoço, onde desaparecia sob o sobretudo e a capa desbotados que usava. A jovem tinha a sensação de que os desenhos continuavam pelo restante dele também, escondidos com

pelo menos meia dúzia de armas. Ao levar a mão à capa em busca da própria adaga oculta, ela percebeu que o feérico poderia ter sido considerado bonito, não fosse pela promessa de violência naqueles olhos verde-pinho.

Seria um erro chamá-lo de jovem — exatamente como seria um erro chamá-lo de qualquer outra coisa além de um guerreiro, mesmo sem a espada presa às costas e as facas perigosas na lateral do corpo. Ele se moveu com graciosidade letal e determinação, verificando o beco como se caminhasse em direção a um campo de batalha.

Com o cabo da adaga morno em sua mão, Celaena ajustou a postura, surpresa por sentir... medo. E o suficiente para que dissipasse a névoa densa que lhe atrapalhava os sentidos nas últimas semanas.

O guerreiro feérico andou pelo beco, as botas de couro na altura dos joelhos silenciosas sobre os paralelepípedos. Alguns dos vagabundos se encolheram; alguns dispararam para a rua ensolarada, para portas aleatórias, qualquer lugar para escapar daquele olhar desafiador.

Antes mesmo de os olhos aguçados a encararem, Celaena soube que ele estava atrás dela e quem o enviara.

Ela levou a mão para o amuleto do Olho, ficando surpresa ao perceber que não estava mais ao redor do pescoço. A jovem o dera a Chaol — a única proteção que pôde conferir a ele ao partir. O capitão devia tê-lo jogado fora assim que descobriu a verdade. Desse modo, poderia voltar ao refúgio de ser inimigo de Celaena. Talvez também contasse a Dorian, e os dois estariam em segurança.

Antes que conseguisse ceder ao instinto de escalar novamente o cano de escoamento e subir no telhado, Celaena considerou o plano que abandonara. Será que algum deus havia lembrado de sua existência e decidira lhe ajudar? A assassina precisava ver Maeve.

Bem, ali estava um dos guerreiros de elite de Maeve. Pronto. Esperando.

E pelo temperamento maligno que emanava do feérico, não estava muito feliz por isso.

O beco permaneceu tão silencioso quanto um cemitério enquanto o guerreiro a avaliava. As narinas se dilataram delicadamente, como se estivesse...

Ele estava sentindo o cheiro da assassina.

Celaena experimentou uma pequena satisfação ao saber que cheirava terrivelmente, mas não era esse o aroma que ele captava. Não, era o odor que a marcava como *ela* — o cheiro da linhagem e do sangue, e o que e

quem ela era. E se o guerreiro dissesse o nome da assassina diante daquelas pessoas... aí Celaena sabia que Galan Ashryver voltaria correndo para casa. Os guardas estariam em alerta total, e *isso* realmente não era parte do plano.

O desgraçado parecia capaz de fazer tal coisa, apenas para provar quem estava no comando. Portanto, Celaena reuniu o máximo de energia que pôde e caminhou com elegância até o feérico, tentando se lembrar do que poderia ter feito meses antes, antes de mandar o mundo para o inferno.

— Que prazer ver você, meu amigo — ronronou ela. — Grande prazer mesmo.

A assassina ignorou os rostos assustados ao redor dos dois, concentrando-se apenas em avaliar o guerreiro, cuja imobilidade inata seria possível apenas a um imortal. Ela desejou que o coração e a respiração se acalmassem. O homem podia provavelmente os ouvir, podia provavelmente cheirar cada emoção percorrendo seu corpo. Não haveria como enganá-lo com pose de coragem, nem em mil anos. Possivelmente o feérico já vivera esse tempo. Talvez não houvesse modo de derrotá-lo também. Ela era Celaena Sardothien, mas ele era um guerreiro feérico, e tudo indicava que havia bastante tempo.

A jovem parou a alguns metros. Pelos deuses, como ele era imenso.

— Que ótima surpresa! — exclamou ela, em voz alta o suficiente para todos ouvirem. Quando foi a última vez que soou tão agradável? Nem se lembrava da última vez que dissera frases completas. — Achei que nos encontraríamos nas muralhas da cidade.

Ele não fez reverência, graças aos deuses. A expressão severa nem mesmo se alterou. Que pensasse o que quisesse. Celaena tinha certeza de que ela não se parecia em nada com o que o feérico fora instruído a esperar — e ele certamente gargalhou quando aquela mulher a confundiu com uma colega mendiga.

— Vamos.

Foi tudo o que o guerreiro falou, a voz um pouco entediada parecendo ecoar nas pedras conforme se virou para deixar o beco. Celaena apostaria alto que os braços de sua armadura ocultavam facas.

Ela poderia ter dado uma resposta desagradável, apenas para testá-lo um pouco mais, mas as pessoas ainda estavam olhando. O feérico seguiu, sem se incomodar em olhar para qualquer um dos observadores. Celaena não sabia se estava impressionada ou revoltada.

Seguiu o guerreiro feérico para a rua iluminada e pela cidade fervilhante. Ele ignorava os humanos que paravam de trabalhar e de caminhar e de se distrair para encará-lo. O guerreiro certamente não esperou que a assassina o alcançasse ao caminhar até duas éguas comuns, amarradas a um coche em uma praça qualquer. Se a memória não falhava a Celaena, os feéricos possuíam cavalos muito melhores. Ele provavelmente chegou de outra forma e comprou aqueles na cidade.

Todos os feéricos possuíam uma forma animal secundária. Celaena estava atualmente na dela, o corpo humano mortal, tão animal quanto os pássaros chilreando acima. Mas qual seria a dele? Poderia ser um lobo, pensou ela, com aquele sobretudo, cheio de camadas, que oscilava no meio da coxa como uma capa de pele, as passadas tão silenciosas. Ou um felino selvagem, com aquela graciosidade de predador.

O homem montou na égua maior, deixando-a com a besta malhada, que parecia mais interessada em procurar uma refeição rápida que em caminhar pelo terreno. Eram duas, então. Contudo, já tinham ido longe demais sem qualquer explicação.

Celaena enfiou a sacola em uma bolsa da sela, inclinando as mãos para que as mangas escondessem as finas pulseiras de cicatrizes nos pulsos, lembretes de onde estiveram as amarras. De onde *ela* estivera. Não era da conta dele. Também não era da conta de Maeve. O quanto menos soubessem sobre Celaena, menos poderiam usar contra ela.

— Conheci alguns tipos de guerreiros emburrados em minha época, mas acho que você deve ser o mais emburrado de todos. — O feérico virou a cabeça para ela, que continuou: — Ah, oi. Acho que sabe quem sou, então não vou me incomodar em me apresentar. Mas, antes que eu seja despachada para sabem os deuses onde, gostaria de saber quem *você* é.

Os lábios do guerreiro se contraíram. Ele avaliou a praça — onde as pessoas agora observavam. E todos imediatamente encontraram outro lugar para estar.

Depois que se dispersaram, o feérico retrucou:

— Você já reuniu informação o bastante sobre mim a esta altura para saber o que precisa. — Ele falou na língua comum, e o sotaque era leve, encantador se estivesse se sentindo generosa o suficiente para admitir. Um ronronar baixo e arrastado.

— Justo. Mas como devo chamá-lo? — Ela segurou a sela, mas não montou na égua.

— Rowan. — Sua tatuagem parecia absorver o sol, tão escura como se recém-feita.

— Bem, Rowan... — Ah, ele *não* gostou nada do tom de voz dela. Os olhos de Rowan se semicerraram levemente em aviso, mas Celaena prosseguiu: — Ouso perguntar aonde vamos? — Ela só podia estar bêbada, ainda bêbada ou caindo em um novo nível de apatia, para falar com o feérico daquela forma. Mas não conseguia parar, mesmo com os deuses, ou Wyrð, ou os fios do destino preparando-se para lançá-la de volta ao plano de ação original.

— Vou levá-la para onde foi convocada.

Contanto que pudesse ver Maeve e fazer as perguntas, Celaena não se importava muito com como chegaria a Doranelle; ou com quem viajaria.

*Faça o que precisa ser feito*, dissera Elena. Como sempre, ela deixara de especificar *o que* precisava ser feito depois que a assassina chegasse a Wendllyn. Pelo menos era melhor que comer pão chato e beber vinho, ou ser confundida com uma mendiga. Talvez pudesse estar em um barco de volta a Adarlan em três semanas, com as respostas que resolveriam tudo.

Isso deveria tê-la revigorado. Mas, pelo contrário, ela se viu montando na égua silenciosamente, sem palavras e sem vontade de usá-las. Apenas os últimos minutos de interação a haviam exaurido por completo.

Era melhor que Rowan não quisesse conversar enquanto se dirigiam para fora da cidade. Os guardas simplesmente gesticularam para que passassem pela muralha, alguns até recuaram.

Conforme cavalgaram, o feérico não perguntou por que Celaena estava ali e o que fizera durante os últimos dez anos, enquanto o mundo se tornava um inferno. Ele puxou o capuz desbotado sobre os cabelos prateados e seguiu em frente, embora ainda fosse bem fácil distingui-lo, como um guerreiro e a lei personificados.

Se Rowan era realmente tão velho quanto Celaena suspeitava, ela provavelmente era pouco mais que um grão de poeira para ele, um fiapo de vida no fogo de imortalidade há tanto aceso. Ele provavelmente poderia matá-la sem pensar duas vezes — e então seguir para a próxima tarefa, completamente inabalado por acabar com sua existência.

Isso não a irritou tanto quanto deveria.

### ❧ 3 ❧

Havia um mês agora, era o mesmo sonho. Toda noite, diversas vezes, até que Chaol pudesse vê-lo quando estava acordado.

Archer Finn gemendo enquanto Celaena enfiava a adaga em suas costelas até o coração. Ela abraçava o lindo cortesão como um amante, porém, quando olhava por cima dos ombros de Archer, os olhos estavam mortos. Vazios.

O sonho mudava, e Chaol não conseguia dizer nem fazer nada conforme os cabelos loiro-castanhos ficavam escuros e o rosto agonizante não era mais o de Archer, mas o de Dorian.

O príncipe herdeiro recuava, e a assassina o segurava com mais força, girando a adaga uma última vez antes de o deixar desabar nas pedras cinzentas do túnel. O sangue já empoçava — rápido demais. Mas Chaol ainda não se movia, não conseguia ir até o amigo ou até a mulher que amava.

Os ferimentos de Dorian se multiplicavam, e havia sangue... tanto sangue. Ele conhecia aqueles ferimentos. Embora jamais tivesse visto o corpo, lera os relatórios detalhando o que Celaena fizera com o assassino corrompido, Cova, naquele beco; o modo como o estripou por ter matado Nehemia.

Celaena abaixava a adaga, cada gota de sangue da lâmina reluzente provocava ondas na poça já formada ao redor. Ela inclinava a cabeça para trás, inspirando fundo. Inspirando a morte diante de si, absorvendo-a na própria alma, vingança e êxtase se misturando diante do massacre do inimigo. O verdadeiro inimigo. O Império Havilliard.



O sonho mudava de novo, e Chaol estava sob Celaena enquanto ela se contorcia acima dele, a cabeça ainda para trás, aquela mesma expressão de êxtase estampada no rosto manchado de sangue.

Inimiga. Amante.

Rainha.



A memória do sonho se dissolveu quando o capitão piscou para Dorian, que estava sentado ao seu lado na antiga mesa dos dois, no salão de baile, esperando por uma resposta para o que quer que tivesse dito. Chaol fez um gesto de ombros como que pedindo desculpas.

O príncipe herdeiro não devolveu o meio sorriso do amigo. Em vez disso, falou baixinho:

— Você estava pensando nela.

Chaol engoliu uma garfada do ensopado de cordeiro, mas não sentiu gosto de nada. Dorian era observador demais para o próprio bem. E o capitão não tinha interesse algum em falar sobre Celaena. Nem com Dorian, nem com ninguém. A verdade que sabia sobre ela poderia colocar mais vidas em perigo do que a da própria assassina.

— Estava pensando em meu pai — mentiu Chaol. — Quando ele voltar a Anielle em algumas semanas, devo acompanhá-lo. — Era o preço por enviar Celaena para a segurança de Wendlyn: o apoio do pai em troca do retorno do capitão ao lago Prateado, a fim de assumir seu título como herdeiro de Anielle. E ele estivera disposto a fazer esse sacrifício; faria qualquer sacrifício para manter Celaena e os segredos dela a salvo. Mesmo agora que sabia quem... *o que* ela era. Mesmo depois de a assassina ter contado sobre o rei e as chaves de Wyrð. Se era esse o preço a pagar, que fosse.

Dorian olhou para a grande mesa, na qual o rei e o pai de Chaol comiam. O príncipe herdeiro deveria estar sentado com eles, mas escolhera sentar-se com o amigo em vez disso. Era a primeira vez que Dorian fazia isso em muito tempo — a primeira vez que eles se falavam desde a conversa tensa após a decisão de mandar Celaena para Wendlyn.

O rapaz entenderia se soubesse a verdade. Mas não podia saber quem e o que a assassina era, ou o que o rei realmente planejava. O potencial para desastre era grande demais; e os próprios segredos do príncipe, mortais o bastante.

— Ouvi rumores de que deveria ir — falou Dorian, com cautela. — Não sabia que era verdade.

Chaol assentiu, tentando encontrar alguma coisa — qualquer coisa — para dizer ao amigo.

Ainda não haviam conversado sobre a outra coisa entre eles, o outro pedaço de verdade que surgira naquela noite nos túneis: Dorian tinha magia. O capitão não queria saber nada a respeito. Se o rei decidisse interrogá-lo... esperava que suportasse, se algum dia chegasse a isso. O rei, Chaol sabia, empregava métodos muito mais sombrios de extrair informações que a tortura. Então ele não perguntou, não disse uma palavra. E Dorian também não.

O capitão encarou o amigo. Não havia nada gentil ali. Contudo, o príncipe falou:

— Estou tentando, Chaol.

Tentando, pois Chaol não tê-lo consultado sobre o plano de mandar Celaena para longe de Adarlan fora uma quebra de confiança, e algo que o envergonhava, embora Dorian jamais pudesse saber disso também.

— Eu sei.

— E, apesar do que aconteceu, tenho quase certeza de que não somos inimigos. — A boca do príncipe se contraiu.

*Você sempre será meu inimigo.* Celaena gritara essas palavras para Chaol na noite em que Nehemia morreu. Gritara com dez anos de convicção e ódio, passara uma década guardando o maior segredo do mundo tão fundo dentro de si que havia se tornado uma pessoa totalmente diferente.

Porque Celaena era Aelin Ashryver Galathynius, herdeira do trono e legítima rainha de Terrasen.

Isso fazia dela inimiga mortal de Chaol. Isso a tornava inimiga de Dorian. O capitão ainda não sabia o que fazer a respeito daquilo, ou o que isso significava para eles, para a vida que havia imaginado com ela. O futuro com o qual sonhara certa vez tinha sido irreversivelmente destruído.

Chaol vira o vazio em seus olhos naquela noite nos túneis, assim como a ira e a exaustão e a tristeza. Vira Celaena perder a mente quando Nehemia morreu, e sabia o que ela fizera com Cova em retribuição. O capitão não duvidava por um segundo que Celaena pudesse perder o controle de novo. Havia uma escuridão tão reluzente dentro dela, uma fissura interminável que passava direto pelo centro da assassina.

A morte de Nehemia a havia destruído. O que *Chaol* fizera, seu papel naquela morte, a destruíra também. Ele sabia disso. Apenas esperava que Celaena conseguisse se recompor de novo. Porque uma assassina imprevisível e devastada era uma coisa. Mas uma rainha...

— Você parece prestes a vomitar — comentou Dorian, apoiando os antebraços na mesa. — Conte qual é o problema.

Chaol estivera encarando o vazio de novo. Durante um segundo, o peso de tudo o sufocou tanto que o capitão abriu a boca.

No entanto, o ressoar de espadas contra escudos em saudação ecoou do corredor, e Aedion Ashryver — o infame general do Norte e primo de Aelin Galathynius — adentrou o salão de baile.

O salão se calou, inclusive o pai de Chaol e o rei na grande mesa. Antes de Aedion chegar à metade do salão, o capitão se posicionou na base da plataforma.

Não que o jovem general fosse uma ameaça. Na verdade, era a forma como caminhava na direção da mesa do rei, os cabelos dourados na altura dos ombros brilhando à luz das tochas conforme sorria com deboche para todos.

Bonito era um jeito simples de descrever Aedion. Sobrepujante estava mais perto da realidade. Alto e muito musculoso, ele era, em cada centímetro, o guerreiro que os boatos divulgavam. Embora as roupas fossem principalmente para exercer a função, Chaol podia ver que o couro da armadura leve era de confecção requintada e elegantemente detalhado. Havia uma pele de lobo branco jogada sobre os ombros largos e um escudo redondo atado às costas — junto a uma espada de aparência antiga.

Mas o rosto dele. E os olhos... Pelos deuses.

O capitão levou a mão à espada, contendo as feições para que permanecessem neutras, desinteressadas, mesmo quando o Lobo do Norte se aproximou o suficiente para matá-lo.

Eram os olhos de Celaena. Olhos Ashryver. Um turquesa impressionante, com o núcleo dourado tão brilhante quanto os cabelos. Os cabelos deles... Até o tom era o mesmo. Poderiam ser gêmeos se Aedion não tivesse 24 anos e o bronzeado de anos nas montanhas branco-neve de Terrasen.

Por que o rei se incomodara em manter Aedion vivo tantos anos atrás? Por que se incomodara em torná-lo um de seus generais mais temidos? Aedion era um príncipe da linha real Ashryver e fora criado na casa Galathynius — no entanto, servia ao rei.

O sorriso do homem permaneceu quando parou diante da grande mesa e fez uma reverência tão curta que Chaol ficou momentaneamente chocado.

— Vossa Majestade — disse o general, com aqueles malditos olhos incandescentes.

O capitão virou para a grande mesa para ver se o rei, se alguém, reparou nas semelhanças que poderiam não apenas condenar Aedion, mas também ele mesmo e Dorian e todos com quem se importava. O pai de Chaol apenas lhe deu um sorriso curto e satisfeito.

Mas o rei franziu a testa.

— Eu o espero há um mês.

O general teve, de fato, a ousadia de dar de ombros.

— Peço desculpas. As montanhas Galhada do Cervo foram assoladas por uma última tempestade de inverno. Parti quando pude.

Todos no salão prenderam a respiração. O temperamento e a insolência de Aedion eram quase lendários; parte do motivo pelo qual fora designado para os confins do Norte. O capitão sempre achou inteligente mantê-lo longe de Forte da Fenda, principalmente porque Aedion parecia ser um desgraçado duas-caras, e a Devastação — a legião do general — era notória pela habilidade e a brutalidade, mas agora... por que o rei o havia convocado à capital?

O monarca pegou o cálice, girando o vinho em seu interior.

— Não recebi notícias de que sua legião estava aqui.

— Não está.

Chaol se preparou para a ordem de execução, rezando para que não fosse o encarregado de a cumprir. O rei falou:

— Ordenei que a trouxesse, general.

— E aqui estava eu, achando que queria o prazer de minha companhia. — Quando o soberano grunhiu, Aedion emendou: — Estarão aqui em uma semana ou mais. Eu não quis perder a diversão. — O homem mais uma vez gesticulou com aqueles enormes ombros. — Pelo menos não vim de mãos vazias. — Ele estalou os dedos atrás de si, e um pajem entrou correndo, segurando uma enorme bolsa. — Presentes do Norte, cortesia do último campo rebelde que saqueamos. Vai gostar deles.

O rei revirou os olhos e fez um sinal para o pajem.

— Mande para meus aposentos. Seus *presentes*, Aedion, costumam ofender companhias educadas.

Uma risada baixa; de Aedion, de alguns dos homens à mesa do rei. Ah, o general estava dançando sobre uma linha perigosa. Pelo menos Celaena tinha o bom senso de manter a boca fechada perto do rei.

Considerando os troféus que o monarca havia exigido da jovem como campeã, os itens naquela sacola não seriam apenas ouro e joias. Mas colecionar cabeças, braços e pernas do povo do próprio Aedion, o povo de Celaena...

— Tenho uma reunião do conselho amanhã; quero que esteja lá, general — ordenou o rei.

Aedion levou a mão ao peito.

— Sua vontade é a minha, Vossa Majestade.

Chaol precisou segurar o terror ao ver o que brilhou no dedo do homem. Um anel preto — o mesmo usado pelo rei, Perrington e a maioria daqueles sob o controle deles. *Aquilo* explicava por que o soberano permitia tal insolência: no fim das contas, sua vontade realmente era a de Aedion.

O capitão manteve o rosto inexpressivo quando o rei lhe deu um aceno curto com a cabeça; dispensado. Ele silenciosamente fez uma reverência, agora ansioso demais para voltar à mesa. Para longe do monarca, do homem que tinha o destino do mundo nas mãos sangrentas. Para longe do pai, que via demais. Para longe do general, que agora fazia sua ronda pelo salão, dando tapinhas nos ombros de homens, piscando para mulheres.

Chaol dominou o horror que se revirava no estômago antes de afundar de volta no assento e notar Dorian franzindo a testa.

— Presentes de fato — murmurou o príncipe. — Pelos deuses, ele é insuportável.

O capitão não discordou. Apesar do anel preto do rei, Aedion ainda parecia pensar por conta própria — e era tão bárbaro fora do campo de batalha quanto dentro deste. O general costumava fazer Dorian parecer celibatário quando se tratava de encontrar formas libertinas de se divertir. Chaol jamais passara muito tempo com Aedion, nem quisera, mas Dorian o conhecia havia algum tempo. Desde...

Eles se conheceram na infância. Quando o príncipe e o pai visitaram Terrasen nos dias antes de a família real ser massacrada. Quando Dorian conheceu Aelin — conheceu Celaena.

Era bom que ela não estivesse ali para ver o que Aedion havia se tornado. Não apenas pelo anel. Voltar-se contra o próprio povo...

O general deslizou para o banco diante deles, sorrindo. Um predador avaliando a presa.

— Vocês dois estavam sentados nesta mesma mesa da última vez que os vi. Bom saber que algumas coisas não mudam.

Pelos deuses, aquele rosto. Era o rosto de Celaena; o outro lado da moeda. A mesma arrogância, a mesma raiva descontrolada. Mas, enquanto aquilo crepitava na assassina, em Aedion parecia... pulsar. E havia algo mais desprezível, muito mais amargo no rosto do general.

Dorian apoiou os antebraços na mesa, dando um sorriso preguiçoso.

— Oi, Aedion.

Aedion o ignorou e estendeu a mão para uma coxa assada de cordeiro, o anel preto brilhando.

— Gosto da nova cicatriz, capitão — comentou ele, indicando com o queixo a linha branca e fina na bochecha de Chaol. A cicatriz que Celaena lhe dera na noite em que Nehemia morreu e ela tentou matá-lo, agora um lembrete constante de tudo o que perdera. Aedion continuou: — Parece que ainda não acabaram com você. E finalmente lhe deram uma espada de gente grande também.

Dorian falou:

— Fico feliz por ver que aquela tempestade não acabou com sua alegria.

— Semanas do lado de dentro com nada para fazer a não ser treinar e levar mulheres para a cama? Foi um milagre eu ter me incomodado em descer das montanhas.

— Não sabia que se incomodava em fazer qualquer coisa que não servisse a seus interesses.

Uma risada baixa.

— Aí está aquela graça encantadora dos Havilliard. — O general começou a devorar a refeição, e Chaol estava prestes a exigir o porquê de este se incomodar em sentar com os dois, se apenas para torturá-los, como sempre gostava de fazer quando o rei não estava olhando, mas percebeu que Dorian encarava o homem.

Não estava observando o tamanho ou a armadura de Aedion, e sim o rosto dele, os olhos...

— Não deveria estar em uma ou outra festa? — perguntou Chaol para o general. — Fico surpreso por continuar aqui quando os prazeres usuais o esperam na cidade.

— Essa é sua forma educada de pedir um convite para minha festa amanhã, capitão? Surpreendente. Sempre deixou implícito que estava acima do meu tipo de celebração. — Aqueles olhos turquesa se semicerraram, e ele deu a Dorian um leve sorriso. — Você, no entanto; a última festa que dei foi *muito* boa para você. Gêmeas ruivas se me lembro bem.

— Ficaré desapontado ao saber que superei aquele tipo de existência — respondeu o príncipe.

Aedion voltou para a refeição.

— Mais para mim, então.

Chaol fechou os punhos sob a mesa. Celaena não fora exatamente virtuosa nos últimos dez anos, mas jamais matara um cidadão nato de Terrasen. Recusara-se, na verdade. E Aedion sempre fora um desgraçado detestável, mas agora... Será que sabia o que usava no dedo? Sabia que apesar da arrogância, da ousadia, da insolência, o rei podia *obrigá-lo* a se curvar diante da vontade real sempre que quisesse? O capitão não podia avisar Aedion, não sem potencialmente arriscar a própria vida, assim como a vida de todos que amava, caso o general tivesse realmente se aliado ao rei.

— Como estão as coisas em Terrasen? — perguntou Chaol, porque Dorian avaliava Aedion de novo.

— O que gostaria que eu dissesse? Que estamos todos bem alimentados depois de um inverno rigoroso? Que não perdemos tantos para doenças? — Ele riu com escárnio. — Acho que caçar rebeldes é sempre divertido se você tem gosto para a coisa. Espero que Sua Majestade tenha convocado a Devastação para o sul a fim de dar um pouco de ação de verdade a ela. — Quando Aedion levou a mão à água, Chaol viu o cabo da espada do general. Metal opaco salpicado de impressões e arranhões, o punho não passava de um pedaço de chifre rachado e arredondado. Uma espada tão simples e comum para um dos maiores guerreiros de Erilea.

— A Espada de Orynth — gabou-se Aedion. — Um presente de Sua Majestade em minha primeira vitória.

Todos conheciam aquela espada. Era herança da família real de Terrasen, passada de governante a governante. Por direito, era de Celaena. Pertencera ao pai dela. Que o general a possuísse, considerando o que a espada agora fazia, as vidas que tomava, era como um tapa na cara da assassina e de sua família.

— Fico surpreso por se importar com tanto sentimentalismo — comentou Dorian.

— Símbolos têm poder, príncipe — afirmou Aedion, fixando o olhar nele. O olhar de Celaena, inabalável e vivo com desafio. — Ficaria surpreso com o poder que isto ainda brande no Norte, o que faz para convencer as pessoas a não seguirem planos tolos.

Talvez as habilidades e a perspicácia de Celaena não fossem incomuns em sua linhagem. Mas Aedion era Ashryver, não Galathynius — o que significava que a bisavó dele tinha sido Mab, uma das três rainhas feéricas, mais recentemente coroada deusa e renomeada Deanna, Senhora da Caça. Chaol engoliu em seco.

O silêncio caiu, tenso como a corda de um arco.

— Problemas entre vocês dois? — perguntou o general, mordendo a carne. — Vou adivinhar: uma mulher. A campeã do rei, talvez? Dizem os boatos que ela é... interessante. Foi por isso que superou meu tipo de diversão, principzinho? — Aedion olhou pelo salão. — Gostaria de conhecê-la, acho.

Chaol lutou contra a vontade de pegar a espada.

— Ela viajou.

Então Aedion lançou um sorriso cruel a Dorian.

— Uma pena. Talvez pudesse ter me convencido a seguir em frente também.

— Cuidado com o que fala — grunhiu o capitão. Ele podia ter rido, caso não quisesse estrangular tanto o general. Dorian apenas tamborilou os dedos na mesa. — E mostre algum respeito.

Aedion deu um risinho, terminando o cordeiro.

— Sou o servo fiel de Sua Majestade, como sempre fui. — Aqueles olhos Ashryver mais uma vez caíram sobre Dorian. — Talvez eu seja sua cadelinha algum dia também, príncipe.

— Se ainda estiver vivo — ronronou o rapaz.

Aedion continuou comendo, mas Chaol ainda podia sentir a concentração inquieta do general sobre os dois.

— Dizem os boatos que a Matriarca de um clã de bruxas foi morta nos arredores, não faz muito tempo — falou Aedion, casualmente. — Ela desapareceu, embora o alojamento indicasse que foi uma luta e tanto.

Dorian respondeu, a língua afiada:

— Qual seu interesse nisso?



— É de meu interesse saber quando comerciantes poderosos do reino encontram seu fim.

Um calafrio desceu pela espinha de Chaol. Sabia pouco sobre bruxas. Celaena contara algumas histórias; e o capitão sempre rezou para que fossem exageradas. Mas algo como pavor percorreu o rosto do príncipe.

Chaol se aproximou.

— Não é de sua conta.

Aedion mais uma vez o ignorou e piscou um olho para o príncipe. As narinas de Dorian se dilataram, o único sinal do ódio que subia para a superfície. Esse e o ar no salão ter mudado — ter se avivado. Magia.

O capitão apoiou a mão no ombro do amigo.

— Vamos nos atrasar — mentiu ele, mas Dorian entendeu. Chaol precisava tirá-lo dali, levá-lo para longe de Aedion, e tentar acalmar a tempestade desastrosa que se formava entre os homens. — Descanse bem, Aedion. — O príncipe não se incomodou em dizer nada, os olhos cor de safira estavam congelados.

Aedion deu um risinho.

— A festa é amanhã em Forte da Fenda, se tiver vontade de reviver os bons e velhos tempos, príncipe. — Ah, o general sabia exatamente quais botões apertar e não dava a mínima para a confusão que criasse. Isso o tornava perigoso, mortal.

Principalmente no que dizia respeito a Dorian e à magia dele. Chaol se obrigou a dar boa noite a alguns dos homens para parecer casual e despreocupado, conforme os dois saíam do salão. Aedion Ashryver fora até Forte da Fenda, perdendo, por pouco, a chance de esbarrar com a prima havia muito perdida.

Se ele soubesse que Aelin ainda estava viva, se soubesse quem e o que havia se tornado, ou o que aprendera sobre o poder secreto do rei, será que ficaria ao lado dela, ou a destruiria? Considerando as ações, considerando o anel que usava... Chaol não queria o general perto da jovem. Também pouco perto de Terrasen.

Ele imaginou quanto sangue seria derramado quando Celaena soubesse o que o primo fizera.

Chaol e Dorian andaram em silêncio durante a maior parte do caminho até a torre do príncipe. Quando viraram em um corredor vazio e tiveram certeza de que ninguém poderia ouvir, Dorian falou:

— Eu não precisava que você se intrometesse.

— Aedion é um desgraçado — grunhiu Chaol. A conversa poderia ter terminado ali, e uma parte dele estava tentada a permitir, mas o capitão se obrigou a dizer: — Fiquei preocupado que você perdesse a calma. Como fez nas passagens. — Ele expirou com alívio. — Você está... estável?

— Alguns dias são melhores que outros. Ficar com raiva ou com medo parece disparar a coisa.

Eles entraram no corredor que terminava na porta de madeira arqueada para a torre de Dorian, mas Chaol o impediu ao apoiar o braço no ombro do amigo.

— Não quero detalhes — murmurou ele, para que os guardas do lado de fora da porta não pudessem ouvir — porque não quero que meu conhecimento seja usado contra você. Sei que cometi erros, Dorian. Acredite em mim, eu sei. Mas minha prioridade sempre foi, e ainda é, proteger você.

O rapaz encarou o capitão por um bom tempo, inclinando a cabeça para o lado. Chaol devia parecer tão deprimido quanto se sentia, pois a voz do príncipe foi quase carinhosa ao perguntar:

— Por que realmente a mandou para Wendlyn?

Ansiedade tomou conta dele, crua e lancinante. Mas por mais que quisesse contar ao amigo sobre Celaena, por mais que quisesse descarregar todos os segredos para que preenchesse o vazio no fundo do corpo, não podia. Então apenas respondeu:

— Eu a enviei para fazer o que precisa ser feito — Em seguida caminhou de volta pelo corredor. Dorian não o deteve.